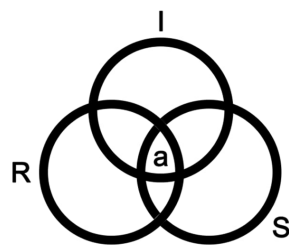


REVISTA DE PSICANÁLISE



TRIEB
Espaço de Psicanálise

Revista de Psicanálise
Trieb Espaço de Psicanálise
2ª Edição - Florianópolis, SC, 2022.

Clínica das Psicoses
Organizador: Alberto Philippi May
Imagem da Capa: A Extração da Pedra da Loucura , 1480 de
Hieronymus Bosch

índice

Clínica das Psicoses

Introdução _____	03
A psicose não-desencadeada ou a psicose ordinária _____ <i>Alberto Philippi May</i>	05
Recortes sobre a psicose _____ <i>Ângela Maria Sansão Chandohá</i>	15
O Diagnóstico Diferencial nas Psicoses _____ <i>Clarissa Ibañez de Lima</i>	21
A Psicose: de que se trata? O que se trata? _____ <i>Josué Adilson Cruz</i>	29
Quem fala no sujeito psicótico? _____ <i>Rosane Mendonça</i>	37
Biografias _____	44

Introdução

A Clínica Das Psicoses

“Na loucura, seja qual for sua natureza, convém reconhecermos de um lado, a liberdade negativa de uma palavra que renunciou a se fazer reconhecer”. Lacan, 1956, Escritos.

O objetivo da produção desta segunda revista de textos psicanalíticos é poder abordar, em cada artigo, as questões e articulações concernentes ao que é próprio da clínica das psicoses. Esse desejo se dá, a partir da experiência proporcionada pelo estudo dedicado aos textos freudianos e lacanianos, que tratam das peculiaridades próprias da estrutura da psicose.

Cada autor dos diferentes textos publicados em nossa segunda revista teve seus textos promovidos e editados por nossa instituição, **Trieb espaço de psicanálise**. Cada um busca, em seu trabalho, elucidar questões fundamentais, para todo psicanalista que tenha interesse em conhecer e aprender sobre a clínica das psicoses.

Esses artigos são o resultado de cada analista e autor, que busca compreender algo desta estrutura clínica, que convoca o analista a oferecer e sustentar um lugar possível a esse sujeito que está, como diz Lacan, fora do discurso, ainda que esteja na linguagem.

A cura da psicose não consiste em transformar o psicótico em um neurótico. O importante e valioso nessa clínica, é que temos a possibilidade de situar as estruturas clínicas, como modo de subjetividade, ou seja, como modos de dizer o que não pode ser dito, modos estes, que não são intercambiáveis. Se é possível falar de cura para o psicótico, é preciso entender que essa cura é por acréscimo, por encontrar outro modo de ele estar em sua psicose. Entende-se que a psicose, assim colocada, é uma maneira peculiar de vincular-se com a linguagem e com o corpo.

As psicoses ficam situadas como um conjunto de fenômenos clínicos, que mostram, expõem e evidenciam um modo de estruturação discursiva, e por fim, uma forma de subjetividade. Lacan entendia a psicose como uma forma de funcionamento, uma estrutura psíquica, um jeito de ser. Assim como se pode ser histérico, obsessivo ou fóbico, também se pode ser psicótico.

Uma estrutura psicótica é algo bem diferente de um surto, em que o sujeito pode ser agressivo, ou praticar atos violentos, dos quais pode se arrepender, ou não. Porém, quando se estabiliza, o que fica são seus discursos um pouco sem nexos, as vezes com falas estranhas e enigmáticas.

O sujeito ou indivíduo psicótico, assim como um neurótico, também tem suas crises, e pode, como qualquer outro, seja qual for a estrutura, chegar a possuir uma maneira, um jeito de ser e estar no mundo.

Se pensarmos no investimento de um tratamento analítico, em que colocamos o coração, ou dizendo de outro o modo, o desejo do analista, e se pudermos nominá-lo dessa forma, podemos buscar compreender, na vida de um sujeito, enfim, de um indivíduo, a maneira como ele vai buscar e fazer suas escolhas amorosas, assim como suas escolhas de trabalho, e também seu modo de ser com o Outro. Podemos então, acompanhá-lo, naquilo que, em sua vida, pôde ser realizado e construído, e também, naquilo que não foi realizado, como seus fracassos e suas impossibilidades.

Para aceitar a demanda de um sujeito, é necessário que o analista tenha uma ideia e um saber a respeito da estrutura clínica, em que o sujeito possa estar. Isso é necessário para que ele possa modular, a partir de sua escuta, suas respostas e intervenções. Não há outra indicação para todo tratamento possível das psicoses, além da determinação de engajar-se nele, a ponto de oferecer um acolhimento e uma escuta, que possibilita a esse sujeito, chegar a algum ponto de estabilização, ao poder construir uma suplência do nome do pai, tal como foi teorizado por Jacques Lacan, em seu Seminário 23, O Sintoma.

Alberto Philippi May

A psicose não-desencadeada ou a psicose ordinária

Alberto Philippi May

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

“Se não somos capazes de perceber que há um certo grau, não arcaico devendo ser posto em algum lugar no nível do nascimento, mas estrutural, no nível do qual os desejos são propriamente falando loucos, se para nós o sujeito não inclui em sua definição, em sua articulação primeira, a possibilidade da estrutura psicótica, então não passaremos de alienistas”. J.Lacan, seminário A identificação, 2 de maio de 1962.

Resumo

Neste artigo, busca-se teorizar as possibilidades de estabelecer uma clínica diferencial das estruturas clínicas, das neuroses ou psicoses. A partir desse lugar, o analista se situa num lugar de escuta, e de onde possa começar a pensar sobre o que se revela desta fala do sujeito, que se endereça ao psicanalista. Esse endereçamento de tal discurso pode revelar, por sua vez, sintomas de uma estrutura neurótica, ou, por outro lado, fenômenos elementares, como transtornos de linguagem, próprios de uma estrutura de psicose. Poder ter a leitura deste diagnóstico é fundamental para que o analista possa estabelecer a direção de um tratamento possível das psicoses.

Abstract

This article seeks to theorize the possibilities of establishing a diferencial clinic of the clinical structures of neurosis and psychosis. From this perspective, the analyst places himself in the position of listening, from which he can start to reflect about what is revealed from the subject's speech, which is addressed to the psychoanalyst. The addressing of such discourse can reveal, in turn, symptoms of a neurotic structure, or, on the other hand, elementary phenomena, like language disorders, typical of a psychosis structure. To have the understanding of this diagnosis is crucial, for the analyst to be able to establish a direction on a possible treatment of the psychosis.

Na clínica psicanalítica, se recebe, as vezes, sujeitos com uma sintomatologia, que não possibilita, de início, saber se se trata de um sujeito com estrutura de neurose ou de psicose.

Há psicoses em que aparecem, claramente, elementos em suas manifestações, revelando uma psicose que poderíamos descrever como psicose extraordinária, com a presença de fenômenos elementares, claros e evidentes. Há também, sujeitos psicóticos que parecem bem normais em suas falas, deixando o analista em séria dúvida a formular um diagnóstico diferencial. Então, a questão que se coloca, é como reconhecer um sujeito que nunca passou por um surto ou episódio próprio de uma psicose.

Podemos pensar que trata-se de uma neurose grave, ou algo que revela uma estrutura de psicose não-desencadeada? Isso nos convida a pensar como começa uma psicose. Nas entrevistas preliminares, pode nos indicar fenômenos elementares, que podem nos indicar esse diagnóstico. São interrogantes assim, com os quais cada analista se depara na clínica.

A experiência clínica nos evidencia que, em algum momento de sua vida, o sujeito é chamado a responder, a partir de um significante primordial, cujo encontro será revelador de sua questão e de sua estrutura. A clínica psicanalítica busca, de forma atenta, estabelecer dentro do marco de uma análise, pensar de que lugar o paciente responde a essas injunções ou acontecimentos. Para pensarmos sobre isso, lembramos que Lacan, ao abordar a psicose, postulava a existência de quatro proposições.

Na primeira proposição, Lacan (2010) diz que “o sujeito neurótico habita a linguagem, enquanto o sujeito psicótico é habitado pela linguagem”.

Na segunda proposição, Lacan (2010) diz que: “o sujeito psicótico só pode ser considerado assim, se apresenta transtornos de linguagem”.

Na terceira proposição, Lacan (2010) vai dizer que “o fenômeno elementar reproduz a estrutura da psicose, da mesma forma que a folha representa a estrutura da árvore”.

Na quarta proposição, diz que “a psicose é produzida pela rejeição do nome do pai”.

Se o sujeito neurótico habita a linguagem, é que já foi inscrito na cadeia significante, pela ação da metáfora paterna, que ao separar a mãe e a criança, inscreve essa como representada por um significante fálico, por sua vez, representante do nome do pai. Assim, ele habita a linguagem como ser languageiro ou parletre, como dizia

Lacan. Dessa forma, a linguagem é sua morada, seu mundo, o que possibilita seu modo de viver e de construir suas relações e laços discursivos com o Outro, e com os semelhantes.

O sujeito psicótico, ao não passar pelo Édipo, e pela sua não inscrição na metáfora paterna, não é separado da mãe, se perdendo como falo imaginário desta. Se para estar e habitar a linguagem, é necessária a operação de separar, no sentido do simbólico, o sujeito psicótico fica nessa não-separação, na dimensão apenas metonímica da linguagem. Daí que Lacan nos diz que o psicótico fala, mas não está no discurso, que é de estrutura metafórica. Ele fica marcado na ordem de uma fala, buscando formas de fazer laços, mas que não chegam a produzir um lugar simbólico. Quer dizer, um lugar que pode ser nomeado, na presença e especialmente na ausência do objeto, que assim, pode ser perdido. Ao não poder simbolizar o objeto perdido, nem nomeá-lo, o sujeito se perde na psicose.

Assim como podemos ver na melancolia, no texto “Luto e melancolia”, de Freud (1914), esse objeto, que para o neurótico, pode ser perdido porque pode ser nomeado em sua ausência, na melancolia não se dá, já que a sombra do objeto recai sobre o eu, sem separação.

Lacan, na sua segunda proposição, citada anteriormente, diz que o sujeito psicótico só pode ser considerado assim, se apresentar transtornos de linguagem. Ele os aborda, no seminário 3, “As Psicoses”, onde nos diz que tais transtornos podem ser muito evidentes, como a palavra desorganizada do esquizofrênico ou suas alucinações verbais. Mas podem também, ser muito sutis.

Podemos tomar o exemplo de um indivíduo que traz uma queixa hipocondríaca, em que ele revela uma certeza de que tem um problema no fígado, contra todas as evidências trazidas por exames de vários tipos. Ele se mostra absolutamente convencido de que tem um problema nesse órgão. Isso nos faz pensar que aí, nessa queixa que reforça essa certeza, pode estar um transtorno de linguagem, já que essa certeza é indialelizável, e não dá lugar algum para uma dúvida mínima, que o fizesse entrar na dialética do discurso.

Em seu último ensino, Lacan propõe que possa existir psicoses que, mais do que transtornos de linguagem, apresentam transtornos do imaginário. Estes transtornos imaginários podem ser lidos como os que se referem a fenômenos corporais e a imagens do corpo. Tais fenômenos corporais, ligados à imagem ou ao real do corpo, podem ser vistos nas automutilações, em cirurgias desnecessárias, ou ainda, em um descuido muito grande com o corpo, corpo não cuidado, não libidinizado pelos

significantes, ou ainda, no fato de deixar cair o próprio corpo em uma espécie de abandono progressivo. Como nos diz Lacan, isso pode ser visto em James Joyce, que tirando um pequeno período de dandismo, chegou a perder todos os dentes, por falta de cuidados corporais mínimos.

Nessa espécie de transtorno, pode-se observar, ainda, relatos de falta de sensação de dor, que dentro de um conjunto de fenômenos elementares, podem ser pensados como ligados a um sujeito com estrutura psicótica, mas estabilizada, talvez, por algum tipo de suplência.

Lacan, quando aborda a problemática das psicoses, se refere especificamente ao campo da fala e da linguagem, para com isso sustentar que “o fenômeno da loucura” não é separável do problema da significação para o ser em geral, ou seja, há linguagem para todo homem.

Portanto, a direção da pesquisa lacaniana, a saber, “A Investigação da relação do sujeito com o significante”, compreende as psicopatologias como perturbações que surgem nesta relação, assim como os transtornos de linguagem ou transtornos da imagem corporal. Lacan desenvolve sua concepção estruturalista pensando que o fenômeno psicótico deve ser situado no campo semântico linguageiro. Então, para ele, vai valer aquilo que foi nomeado como lei do mal-entendido, essencial e radical, em que ele vai pensar a psicose, como sendo um efeito ou acidente na própria estruturação da linguagem, quer dizer, a forma como o sujeito é inserido nessa estrutura, tendo a partir daí, organizado seu psiquismo ou não.

O pensamento de Lacan, é de poder atribuir aos fenômenos elementares, uma importância, principalmente no sentido de construir a hipótese diagnóstica. Contudo, não se trata, no caso, de forma alguma, de uma manifestação distinta do resto da psicose. Nesse sentido, Lacan lança mão, para explicar a teoria, de uma analogia que diz que o fenômeno elementar reproduz a estrutura da psicose, da mesma maneira que a folha reproduz a estrutura da árvore. Dessa forma, os fenômenos elementares, por aparecerem primeiro, não são de natureza distinta do que vem depois, mas apresentam em sua configuração, as mesmas leis que estruturam a psicose como um todo.

Lacan, assim como Freud, não aborda a psicose pelo ângulo da dissociação, nem do déficit, mas em termos de ausência de um significante. A hipótese mais simples a ser formulada, a partir da análise, é de que a psicose resulta da forclusão deste símbolo especial, fora da ordem simbólica. Podemos tentar conceber, dessa forma, uma circunstância da posição subjetiva do sujeito, onde o apelo ao nome do pai vai

responder, não à ausência do pai real, mas a carência do significante. O pai é a metáfora. A forclusão do significante nome do pai, impossibilita a referência ao pai simbólico. A forclusão deste significante fundamental, faz com que falte ao psicótico, a armação significativa mínima que o faria, como no caso do neurótico, um sujeito do discurso.

Contudo, Lacan, em sua abordagem das psicoses, reintroduz o sujeito como efeito de linguagem. A Linguagem, no sentido lacaniano, não é só a fala, mas o que pré-existe a todo sujeito. O psicótico, quer ele fale ou não, não está fora da linguagem, está apenas fora do discurso.

Para Lacan, a forclusão do nome do pai é a ausência radical dessa função, que significantiza e transforma um desejo, e é levada pelo desfiladeiro do significante à obscura vontade do Outro. O Outro, para o sujeito psicótico, continua a ser o lugar de desregramento, de uma vontade que submete o sujeito aos caprichos de um gozo, contra o qual ele não pode levantar nenhuma insígnia. Seja em qualquer situação de sua existência, seja no encontro sexual, nos fracassos em um laço social ou em acontecimentos inesperados, o sujeito reage a partir de um lugar simbólico, que Lacan chama de nome do pai.

Por outro lado, o psicótico, nesse momento de invocação do pai, só encontra o vazio que faz eco às essas invocações do significante do pai, que está ausente. Este é o momento do desencadeamento, ao qual Lacan se refere como a dissolução daquilo que possibilitava ao sujeito, sustentar-se, ainda que de forma precária em sua existência.

Assim, podemos tomar um exemplo de um jovem inexperiente, que, participando de uma festa cheia de estímulos, se vê na cama com uma garota, mas é, na sequência, tomado por uma angústia, que o envolve num sentimento de estranheza em relação ao ambiente, que começa a lhe parecer esquisito, e onde o retrato pendurado na parede parece a insultá-lo. Ao escutar relatos como este, o analista pode descobrir alguns fenômenos discretos, isolados, acontecidos na infância ou na adolescência, que pode nos indicar algo primário nessa constituição, que pode se referir a uma falha na inscrição do nome do pai.

Podemos, então, constatar que nesses sujeitos, suas experiências falham em referência a um acontecimento, justamente no momento em que todo o saber que tinham e utilizavam para se sustentar no laço social, começa a desagregar, a partir de uma experiência surpreendente e inusitada, de violência sexual ou traumática. Essas emergências trazem ao sujeito uma interrogação impossível de ser respondida a partir

de um lugar simbólico, que ao estar ausente, abre, para o sujeito, um buraco vazio, que o induz a uma confusão psíquica, em seu estado psicótico.

Lacan se perguntava se uma psicose teria, como no caso da neurose, uma pré-história, e respondia dizendo que tudo leva a pensar que a psicose não tem pré-história, e acrescentava que, apesar disso, nada parece tanto uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia psicótica. O pré-psicótico não é reconhecido como tal, ele se conduz, parece com todo mundo nas relações sociais. De que forma? “Por uma série de identificações puramente conformistas, com personagens que lhe darão o sentimento do que se deve fazer para ser um homem ou uma mulher” (Lacan, (1955-1956)). Por intermédio de uma imitação, de um agarramento à imagem do semelhante, do par que lhe serve de muleta, o pré-psicótico pode viver sem que uma psicose se declare. O acontecimento, como encontro com o real, pode vir balançar esse equilíbrio.

Essa contingência do acontecimento não é previsível, mas isso pode acontecer com alguns: na psicose não-desencadeada ou dita ordinária, os fenômenos elementares, evidentes e significativos, delírios ou alucinações, que não aparecem nas pré-psicoses. O que se pode observar nas psicoses não-desencadeadas ou pré-psicose, é que estamos na presença de uma sintomatologia que parece histérica, obsessiva ou ainda uma fobia.

Como dizia Lacan, “nada mais normal do que uma pré-psicose”. Ela pode chegar a confundir o analista, porém, apesar das semelhanças, não o é, porque, em algum lugar, ou de alguma forma, há uma particular inflexão do sem-sentido, ou um enunciado, em alguma fixação pouco particularizada e insistente demais, sobre um fenômeno no nível do corpo.

Podemos observar ainda, um desequilíbrio em relação a pequenos acontecimentos, ligados a uma contingência aparentemente banal; pode revelar-se aos poucos, uma psicose não declarada. Lacan, em seu ensino, diz que o sujeito neurótico aparece e nasce como efeito do significante. O sujeito psicótico, é ele também, um efeito do significante, mas de um significante que falta, que falha. O que representa o sujeito psicótico é uma dispersão de significantes. A cadeia significante não faz ponto de estofo, esse é um efeito da forclusão e da falta de inscrição do significante do nome do pai. É o que deixa o sujeito psicótico à mercê de um gozo desordenado. Esse sujeito poderá ter tido uma vida normal, talvez até normal demais, no sentido de que nada marcante lhe sucedeu, nada que assinale sua relação particular a um desejo qualquer.

Na questão preliminar, Lacan nos fala da incidência da função paterna no Édipo, em que nos diz que o pai é uma metáfora, uma vez que sua função implica, precisamente, na substituição de um significante por outro, produzindo, com essa operação, um novo sentido e um novo lugar.

Se a psicanálise busca dar conta da clínica da psicose, escutando a fala do sujeito psicótico, é em razão da singularidade de cada sujeito. O que é importante e determinante na clínica psicanalítica, com as psicoses, é poder operar a partir do ensino de Jacques Lacan, que propõe uma radical mudança de perspectiva nessa direção, que é passar da ideia de noção de lesão, de déficit, à noção de ética. Lacan transmite esta orientação, de que na clínica, a psicose é, também, para ser colocada na ordem da ética.

Se a loucura não é nem um déficit, nem uma dissociação de funções, então ela tem muito a nos ensinar. Sabemos que o trabalho da análise não é apenas escutar, mas a partir dessa escuta, poder fundamentar um saber teórico. Dessa maneira, entendendo que quando Lacan diz, a nós analistas, que não devemos retroceder perante a psicose, é exatamente para possibilitar que nesse trabalho de análise, situado por ele como a práxis do real, possamos aprender, com esses sujeitos, que buscam uma resposta, para de alguma forma buscar uma entrada em um laço social, que permita a eles uma estabilização. Podemos chamar isso, como diz Lacan no seminário 23, de metáfora delirante, ou ainda, a possibilidade de produzir uma suplência do nome do pai.

Sabe-se, na clínica atual, que não seriam psicóticos só aqueles que são tomados por um surto, ou que apresentam claros fenômenos elementares, como alucinações, delírios etc. Podem também existir outros tipos de psicose, que, por possuírem algum ponto de basta, não chegaram a confrontar-se com a falta do nome do pai, e se parecem, em muitos aspectos, com uma estrutura de neurose, essa psicose não-desencadeada, também chamada de psicose ordinária.

Nesse sentido, o psicanalista francês Eric Laurent propõe pensar sobre a hipótese da psicose não-desencadeada, ou psicose ordinária, para justamente refletir sobre outros paradigmas Lacanianos, do que aqueles fundados sobre os escritos de Jacques Lacan, onde encontramos a forclusão do nome do pai, que ao falhar na inscrição da cadeia significante, produz no plano da linguagem, o automatismo mental, a alucinação verbal, e a língua fundamental.

No plano do imaginário, pode-se dar a regressão tópica ao estádio do espelho, e também o gozo transexual. Laurent propõe pensar a psicose ordinária, como a

psicose da época da inconsistência do Outro, em nossa época atual, em que se generalizou a falha do Outro em nomear o gozo, localizando-o, não permitindo ao sujeito estabelecer um lugar simbólico no Outro.

A tese de Lacan sobre a psicose é a seguinte, em todos os casos em que há psicose, encontra-se uma luz de espanto, e de perplexidade, essa luz edipiana do espanto reaparece sob uma forma validante, isto é, toda psicose se desencadeia em uma situação quase edipiana, na medida em que esse Outro, inassimilável, está como que na própria margem, onde a estrutura edípica se instala.

Em seu seminário, *As Psicoses*, Lacan diz que o psicótico não admite a inadequação significante, no que este refere à indeterminação de sentido, mal entendido, equívocos. Por isso, Lacan coloca a assertiva, segundo a qual devemos tomar o discurso psicótico ao pé da letra. Lacan vai, então, se referir aos neologismos, formações tão comuns nas falas dos psicóticos.

No neologismo, nas psicoses, Lacan vai apontar um caráter irredutível, que lhe seria próprio, trata-se de uma significação que remete apenas a si mesmo. Para esses sujeitos, a palavra tem peso em si mesmo. Uma significação, quando surge na neurose, na presença do conflito que o abala, coloca em movimento, a partir da angústia, o recalque – que na psicose não funciona, é inadequado.

Na psicose há um impasse concernente ao significante, que não está inscrito no real. Por isso, seu retorno no real. Dessa forma, Lacan se refere à ideia de um significante no real.

O sujeito estruturado na neurose, por ter sido inscrito na linguagem metafórica, possibilitada por uma afirmação inicial (*Bejahung*), e uma negação (*Vernainung*), se coloca numa dialética do discurso. Assim, o sujeito neurótico crê, justamente porque não tem certeza de coisa alguma.

O psicótico não crê, tampouco crê em seu deus, ele tem certeza dele. O psicótico não pede nada a deus, é antes, deus que lhe pede, ordena coisas. Aquele que tem certeza, diz Lacan, não acredita, não dá crédito ao Outro, eles têm certeza das coisas, estes são psicóticos. (Lacan, seminário 3)

O significante na psicose, desencadeia-se, e isto, no momento mesmo, em que poderia haver a inauguração da cadeia significante – a forclusão, que o deixa fora.

Concluindo, pensamos sobre a dimensão que envolve o tratamento da psicose, que por sua vez exige do analista um lugar específico e especial, o qual Lacan chama de secretário do alienado, então, dessa maneira, quando o analista não mais situa o

psicótico dentro de uma estrutura neurótica, pode escutá-lo, segundo o que tem para dizer, respeitando sua fala, e mesmo conferindo um valor e uma autenticidade a esta.

Como nos ensinou Freud, mais do que a realidade de fato, é a realidade psíquica que determina as percepções e interpretações da realidade do sujeito, em suas relações com o outro, em sua existência. O que coloca sempre em relevo, a dimensão particular, e mesmo singular, em qualquer das formas e estruturas existenciais, seja a estrutura neurótica ou psicótica.

Referências Bibliográficas

Freud, S. A introdução do Narcisismo. In. S; Freud, Obras completas de Freud. 1914

Freud, S. Luto e Melancolia em S. Freud, Obras completas de Freud. 1914

Freud, S. Notas psicanalíticas de um relato autobiográfico de um caso de paranoia. In. Obras completas de Freud, volume 12. 1912

Freud, S. A denegação. In. Obras completas de Freud. Volume IXX. 1914

Lacan, J. O estadio do espelho como função formadora do eu. IN. J, Lacan, Escritos. Editado originalmente em 1949. Editora Zahar, Rio De Janeiro. 1995

Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In. Escritos, pág. 537 a 590. Editora Zahar, Rio De Janeiro. 1995

Lacan, J. Seminário livro 3, As Psicoses. Editora Zahar, Rio De Janeiro, 2010.

Julien, Philippe. Psicose, perversão, neurose, a leitura de Jacques Lacan. Editora Companhia de Freud, Rio De Janeiro, 2002.

Recortes sobre a psicose

Ângela Maria Sansão Chandohá

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

Resumo

Este texto foi produzido a partir de um Cartel sobre as Psicoses. Um tempo de muitas trocas, constatações, torções, risadas, montagens, desmontagens, numa relação de sujeitos de desejo, em transferência por um mesmo tema: “A Psicose”. Encontros permeados por leituras onde o personagem principal é o sujeito. Sempre pensando neste sujeito que nos coloca a trabalho, que habita, ou é habitado pela linguagem - neurótico? psicótico? Este sujeito que fala. Porém, quem fala? De onde vem esta voz que toma ou que é “tomada” pelo sujeito. Aqui coloco tomada entre aspas. Tomada que liga... que desliga... que carrega... dá choques... mata... traz a luz... ilumina... dá voz... Um sujeito sem litoral, sem fronteira, não disfarça a pegada, não tem a rede de significantes... precisa criá-la...

Palavras-chave: Psicose - Sujeito - Fala - Metáfora paterna

Abstract

This text was produced from a Cartel on Psychoses. A time of many exchanges, verifications, twists, laughter, montage, disassembly, in a relationship of subjects of desire, in transference by the same theme: “The Psychosis”. Encounters permeated by readings where the main character is the subject. Always thinking about this subject who puts us to work, who inhabits, or is inhabited by language - neurotic? psycho? This subject who talks. But who speaks? Where does this voice that takes or is “taken” by the subject come from. Here I put the socket in quotation marks. A plug that turns on... that turns off... that charges... shocks... kills... brings light... illuminates... gives voice... A landlocked subject, without borders, does not disguise the footprint, does not have the network of signifiers... needs to create it...

Keywords: Psychosis - Subject - Speech - Paternal metaphor

O fazer na clínica é experienciado com cada sujeito no seu particular. E que particular! Cada um com sua música, com entonações, ritmos, passos, nuances, cantos e encantos, notas e anotações... Sujeito em ato, atuando ora como autor, ator principal, coadjuvante, contrarregra, um objeto do cenário (cadeira, mesa, poltrona, árvore), o microfone ou a mão que segura o microfone ou aquele que fala ao microfone que denuncia através do discurso o curso da própria vida. Em alguns pequenos momentos, passa a ser aquele que simplesmente se emociona; identificado, ao ser mais um sujeito comum que assiste a uma bela peça de teatro.

É um sujeito. Quem é este sujeito? Qual a sua estrutura: neurótico, psicótico, autista... “artista”...

“Artista”, significante novo dado por uma mãe, ao filho de 5 anos, diante de um diagnóstico onde o profissional diz: - “O Tião é um autista.” E o Tião afirma, após ouvir o médico falar, como um fantoche repete - “O Tião é um autista.” E a mãe imediatamente diz: - “Não, o doutor disse que o Tião é um ‘artista’. Você é um artista.” Segundo Lacan (2008/1955-56, p.66):

(...) quando um fantoche fala, não é ele que fala, é alguém que está atrás. A questão é saber qual a função do personagem que se encontra nesta circunstância. O que podemos dizer é que, para o sujeito, é manifestamente alguma coisa de real que fala.

E Tião, sem dúvidas, com a certeza que estrutura a sua fala, repete: “O Tião é um artista”, tomando emprestado da mãe, até a entonação da voz.

Recebe da mãe sua própria fala, mas não invertida, sua fala está no outro, que é ele mesmo, o pequeno outro, seu reflexo no seu espelho, seu semelhante. Somente repete. A palavra se exprime no real, no fantoche. Não sabe o que fala, mas diz assim mesmo. Um sujeito humano, que é falado e fala por alusão.

Com os olhinhos arregalados, sorridente, falando alto alegremente, Tião retorna à sessão dizendo: “o Tião é um artista! Brincar! Brincar!”

Na fala delirante, o Outro está verdadeiramente excluído, não há verdade atrás, há tão pouca que o próprio sujeito não põe nenhuma verdade, que fica em face desse fenômeno, bruto no fim de contas, na atitude de perplexidade. (LACAN, 2008/1955-56, p.67)

O grande Outro estando excluído, o que concerne ao sujeito é dito realmente pelo outro com minúscula, pelas sombras do outro com letra minúscula.

João, um jovem de 16 anos, naquele dia em particular, estava muito agitado e preocupado. Quando interrogado sobre o que o estava incomodando, falou com muita seriedade : “Estou com um problema muito sério, vou fazer aniversário este mês e tenho que escolher o meu presente. Não consigo escolher o meu presente”.

João fica sem fala diante do não dizer do pequeno outro, sobre o presente que ele quer ganhar, precisa de padrões de referência para “escolher”. A falta da certeza do pequeno outro que o sustenta, o deixa sem saída, quando é convidado a falar em nome próprio, é remetido ao vazio dele próprio nas significações que o sustentam.

Quando fala, o sujeito tem à sua disposição o conjunto do material da língua, e é a partir daí que se forma o discurso concreto. Há em primeiro lugar um conjunto sincrônico, que é a língua enquanto sistema de grupos de oposição estruturados, há em seguida o que se passa diacronicamente, no tempo, e que é o discurso. (...) não é de todo exato que seja uma simples linha, é mais provavelmente um conjunto de várias linhas, uma ninhada. É nesse diacronismo que se instala o discurso (LACAN, 2008/1955-56, p.68,69)

Ninho, ninhada, várias linhas, linhas com espaçamentos no infinito da linguagem que encarna e é encarnada. A palavra é erótica. Faz furos, dá a forma. O verbo se faz carne pelo grande Outro, universo dos significantes. Como postula Lacan no texto: A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano, nos Escritos, Este grande “(...) Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra, de dominação, antes mesmo de ter acesso à existência, (...) como absoluto Senhor Mestre.” (1998/1966, p.821)

Na lalange da mãe, daquele que faz a função materna, que marca pela voz, olhar, toque, beijos, abraços, alimentos, cheiro, choro, disparar do coração, agitação, incertezas... intervenções que vão bordeando o “pequeno pedaço de carne”, um pré-sujeito, sujeito a princípio da necessidade, numa relação mãe-filho, objeto de desejo da mãe, tempo de ser o falo. Uma mãe atravessada pela metáfora paterna.

Momento de completude do eu ideal, para depois tornar-se um ser desejante, no embalar de uma melodia que é tocada e toca, com intervalos, ritmos e se faz música. Para ser música precisa de um compositor... a mãe, que o adota, que nomeia... Assim, a eficácia estruturante desta lalange, necessita da repetição

sustentada pelo desejo de quem faz função de Outro primordial. Cito Lacan:

Isso é tão fundamental que, se tentarmos situar num esquema o que faz manter-se de pé a concepção freudiana do complexo de Édipo, não é de um triângulo pai-mãe-criança de que se trata, é de um triângulo (pai)-falo-mãe-criança. Onde estará o pai ali dentro? Ele está no anel que faz manter-se tudo junto. (2008/1955-56, p.368)

Para exercer a função materna, precisa dar lugar ao terceiro, ser castrada, passar pelo Édipo, dar lugar ao pai, ao significante “nome do pai”. Somente a partir daí, saindo da lei super-egóica do imaginário, para a lei simbólica, surgirá o sujeito do desejo. Só assim o infans passa do estatuto de ser o falo para ter o falo.

Somente a metáfora paterna possibilita a interdição do gozo da mãe, anulando a ação fora da lei do desejo materno que rechaça a interdição do pai. Se não tem limite no gozo da mãe, o sujeito fica na alienação, no campo do imaginário, e do real: na forclusão do nome do pai. Fica no lugar de objeto de gozo da mãe. O psicótico não goza, é gozado. É um sujeito errante, que busca então a lei no delírio. Sem a metáfora paterna fica na metonímia, com uma rede de significantes frágil para sustentá-lo.

Tião, que virou “artista”... durante uma semana viu e ouviu o sofrimento da vovó que chorava e gritava de dor... pedia ajuda constantemente... deixando a todos que estavam próximos sem possibilidades de fazerem as próprias coisas. Porém, alguns dias depois, a avó vem a falecer. Tião participou de todo este processo, inclusive do velório e do momento do enterro.

Após algumas semanas, diante da tagarelice e reclamações da mãe, onde insistia em não deixá-lo mexer em tomadas e fios elétricos que manejava com destreza, montando extensões elétricas, olhou para a mãe e falou: “O Tião vai pegar a mamãe, colocar dentro da caixinha, fechar a caixinha, fazer um buraco na areia, colocar a caixinha no buraco e tampar com areia...”

Esta fala, denuncia que Tião não foi inscrito no simbólico, onde retorna no real, produzindo assim uma fala, onde o significante não remete a outro significante e sim a um significado, em um fazer metonímico. “Tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real”(LACAN, 2008/1955-56, p.22).

E ainda sobre a *Verwerfung*, a forclusão, “Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significativo, o mecanismo fundamental na paranóia” (LACAN, 2008/1955-56 p.178)

Um sujeito sem litoral, sem fronteira, não disfarça a pegada... não tem a rede de significantes, precisa criá-la. Como diz um menino de doze anos, com estrutura psicótica... enquanto monta o lego e diante da falta de uma peça que está no manual de instrução... precisamos improvisar...” Diminuindo a errância, a metáfora delirante vem como suplência, uma blusa... segunda pele... para proteger este corpo que está sempre em carne viva/ que não é recoberto pelo “nome do pai” rede de significantes.

(...) - as significações elementares que chamamos desejo, ou sentimento, ou a afetividade, essas flutuações, essas sombras, e mesmo essas ressonâncias, têm uma certa dinâmica que não se explica senão no plano do significante na medida em que é estruturante. O significante não faz apenas dar o invólucro, o recipiente da significação, ele a polariza, a estrutura, a instala na existência. (LACAN, 2008/1955-56, p. 303)

Nascemos enquanto sujeitos, a partir de um ato falho, pois o ato é falho... consigo produzir assim um texto incompleto, cheio de furos, de dúvidas, de recortes... furos que não fecham nunca, pois a Psicanálise é a própria representação do sujeito... sujeito da incompletude, da castração.

Referências Bibliográficas

LACAN J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros escritos*, (p. 29-90). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1953-54). *O Seminário, livro 3: as psicoses, 1955-56/ 2 ed. revista* - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN J. (1966). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*, (p.807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*, (p. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*, (p. 369-370). Rio de Janeiro: Zahar, 2003. LACAN J. (1969). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN J. (1958-1959). *O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

O Diagnóstico Diferencial nas Psicoses

Clarissa Ibañez de Lima

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

Resumo

Este texto se propõe levantar, a partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, a importância do diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica, abordando aspectos da fala de sujeitos pré-psicóticos que se diferenciam da fala de sujeitos considerados neuróticos.

Abstract

This text proposes to raise, from the teachings of Freud and Lacan, the importance of the differential diagnosis in the psychoanalytic clinic, approaching aspects of the speech of pre-psychotic subjects that differ from the speech of subjects considered neurotic.

No texto “Sobre o início do Tratamento”, de 1913, Freud destaca a importância do tratamento de ensaio, no qual ressalta que esse primeiro momento de escuta do sujeito é essencial para a definição do diagnóstico diferencial da estrutura psíquica e também para que haja uma abertura para o estabelecimento da relação transferencial, fundamental para a condução do tratamento. A partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, podemos observar na clínica a possibilidade de nos depararmos com sujeitos que parecem neuróticos e que, entretanto, podem apontar para uma outra estrutura. Nesse sentido, em psicanálise é imprescindível que se chegue ao diagnóstico da estrutura psíquica a partir da escuta minuciosa do sujeito, na qual é possível identificar em sua fala, em casos de sujeitos pré-psicóticos, a presença de fenômenos elementares.

“O fenômeno elementar, irreduzível, está aqui no nível da interpretação.”¹ (Lacan, 1956)

Trata-se de fenômenos cuja matriz mínima revela e contém a estrutura geral da psicose. Por serem consubstanciais a ela, isto é, patognomônicos, sua discreta presença nos indica a presença da estrutura psicótica, cujo desencadeamento clínico pode ou não haver-se produzido. (Álvarez, 2009, p. 111)

Quando nos encontramos diante da suspeita de uma estrutura psicótica, podemos pensar, a partir de Lacan, como escutar este tipo de fala para identificar a presença de fenômenos elementares. Na prática da clínica psicanalítica por vezes se apresentam sujeitos que aparentemente estão em harmonia com certas demandas sociais, entretanto, alguns elementos da fala podem evidenciar a possibilidade de uma estrutura pré-psicótica. Mas como sabê-la? Como identificar o sujeito pré-psicótico?

Para introduzir a questão, recordamos em Freud, que nos deixou em Memórias de um doente dos nervos, o conhecido caso Schreber, um caso de psicose extraordinária de um juiz da corte de apelação da Alemanha, que teve seus primeiros indícios de surto depois dos 40 anos de idade. Isso é importante para mostrar que a psicose paranóica pode aparecer em uma idade mais tardia para o sujeito. Neste sentido, Freud nos mostra como Schreber conduziu sua vida, casou-se e tornou-se um homem respeitado em seu meio profissional, como talvez qualquer outro sujeito normal o fizesse.

Para entrar na teoria das psicoses a fim de questionar o diagnóstico estrutural é necessário entender o processo de constituição do sujeito, que, de acordo com Lacan²

¹ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As Psicoses, 1988, pg 31

² LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 2009

em um primeiro momento, ao passar pelo estadió do espelho, o infans, que ainda não é sujeito, tem a possibilidade de entrar no registro imaginário e simbólico. Desta forma, o corpo do recém nascido, que é um organismo, vai sendo nomeado para deixar de ser um corpo biológico, e tornar-se um corpo marcado pelo significante, pelo simbólico.

A entrada do registro Imaginário, que se inicia da relação da criança com a imagem do Outro, na qual o bebê, que ainda não verbaliza assume a imagem do corpo no espelho recebido através do olhar da mãe. A imagem que é refletida ao bebê é de um corpo nomeado, falado por um Outro como sendo aquilo que o constitui na possibilidade de ter um corpo próprio. Esta relação com o Outro, chamada por Lacan de identificação especular é fundamental na formação do EU.

A partir desta experiência, o mundo interno passa a ser apropriado através de identificações imaginárias com o mundo externo, que lhe serão oferecidas por aquele que ocupa o lugar do grande Outro e que também revela a necessidade de se ser mediado pelo desejo do Outro.

“... o eu se constitui inicialmente numa experiência de linguagem, em referência ao tu, e isso, numa relação em que o outro lhe manifesta o quê? - ordens, desejos, que ela deve reconhecer, do seu pai, da sua mãe, dos seus educadores...”³ (Lacan, 1975)

Lacan⁴ também destaca em sua teoria, como releitura da obra freudiana, a importância do segundo momento do Édipo e os elementos que se organizam nele: O nome-do-pai e a metáfora paterna, para que se possa instaurar o processo da função simbólica no sujeito.

O Nome-do-pai é uma função que opera na entrada de um terceiro elemento na relação da mãe com a criança e é capaz de produzir um corte, uma falta enquanto significante, uma falta simbólica, portanto. Sendo este o instrumento para a metáfora paterna. A metáfora paterna é então o que determina o modus operandi do sujeito frente à lei simbólica. Ela é o que define, por sua presença ou sua ausência o destino da estruturação do sujeito neurótico ou psicótico.

Nas formações do inconsciente, a relação especular, a identificação simbólica, o Édipo para Freud e a metáfora paterna para Lacan, se articulam em um tempo lógico. A criança, que neste tempo ainda está ligada à imagem da mãe, ou seja, a do grande

³ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud. pg 219

⁴ LACAN, Jacques, O Seminário livro 5: as formações do inconsciente.

Outro, assume o lugar do falo a fim de ser o objeto de desejo dessa mãe, aí a única lei que opera é a lei do desejo. É então, a partir da função paterna, que uma nova lei é apresentada e que se sobrepõe à lei do desejo do Outro primordial que é a mãe, este é o momento de estruturação da função simbólica que é possibilitada pela metáfora paterna, que tem como agente o Nome-do-Pai. A Operação Simbólica que inscreve um terceiro na relação mãe-filho tem efeito de corte e separa um do outro. O pai, que não é um sujeito, que é uma função, cujo nome barra o desejo da mãe e que com sua lei interdita o gozo absoluto e a plenitude que só existe na simbiose da mãe com seu falo (o filho), corta um do outro marcando a interdição do incesto e insere no inconsciente os efeitos da castração. A função do pai, por si só, já é uma metáfora, um significante que livra aquele ser da condição de objeto possibilitando o surgimento de um sujeito. Desse processo, se observa que nas psicoses, há uma falha na função simbólica pela rejeição da metáfora paterna. Há então o que Lacan denomina forclusão do Nome-do-pai.⁵

Com a ausência de referências simbólicas, o sujeito que ainda não tem uma estrutura clara se utiliza de identificações imaginárias, a partir da relação especular com o Outro, o que Lacan⁶ nomeia como compensação imaginária, que funciona como estabilizador, como recurso capaz de intermediar as relações sociais em sujeitos com estrutura pré-psicótica. Por este motivo, o diagnóstico estrutural não é fácil de se estabelecer em estruturas pré-psicóticas, pois o sujeito é capaz de apresentar em sua fala articulações muito bem feitas no registro imaginário.

Em um recorte clínico de um jovem de 26 anos, formado em administração e que chega à clínica através da indicação de uma amiga, estudante de psicologia, que lhe recomendou o tratamento, pois tinha dificuldades em concentrar-se para estudar para a prova de um concurso. Possui uma namorada que depois de um tempo rompe com ele. Revela haver chorado e diz que o rompimento se deve à influências sofrida por uma organização institucional da qual a garota faz parte. Após algum tempo traz a notícia de que foi aprovado no concurso, mas continua vindo às sessões, sem uma queixa aparente, sem uma questão, não se sabe o porquê vem. Fala de seus pais, fala da infância, fala dos amigos, de como um se comporta, de como outro age com garotas e sempre se colocando como um observador dos comportamentos da vida alheia, sem entrar em conflitos. Baseia-se no comportamento do outro e vai definindo padrões do

⁵ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

⁶ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

que é ser homem ou mulher. Possui uma desconfiança em relação a um amigo que diz não ser leal às pessoas e por isso diz que não deve confiar nele, este amigo aparece em todas as sessões, mas em forma de narrativa e não como questão. Outro ponto que surge durante as sessões é a relação com o próprio corpo, na qual, a partir dos padrões que vai identificando no outro, começa a definir a sua própria imagem, deixar barba, ir à academia para ganhar músculos, frequentar a fonoaudióloga para obter uma voz mais grave.

Embora o jovem, em sua fala apresentasse narrativas metonímicas, muito ligadas à imagem do outro, que apontava para uma imitação e inclusive sutis indícios de paranóia, que levantaram a suspeita da possibilidade de uma estrutura psicótica, ainda não eram o suficiente para determinar um diagnóstico, pois o sujeito em questão, parecia possuir um movimento capaz de sustentar os laços sociais que também poderiam apontar para uma neurose obsessiva, na qual o significante muitas vezes aparece em deslocamentos metonímicos⁷, como defesa da realização do próprio desejo, que em última instância, para o neurótico obsessivo, está ligado à morte do pai, conforme nos aponta Freud.⁸ Neste caso, o que parecia como metonímico literal, tratava-se de uma forte inibição como defesa. Após um tempo de análise, começaram a surgir produções metafóricas em sua fala, bem como questões subjetivas e um repertório próprio e singular sobre seu lugar no mundo. Pode-se perceber, então, tratar-se de uma neurose obsessiva.

De acordo com o clássico caso do Homens dos Ratos⁹, no qual Freud nos brinda com riqueza de detalhes o caso de seu paciente Ernest Lanzer, que relata que a partir de uma experiência ao seis anos de idade, quando o pai o censurou em um ato de masturbação, passou a não mais masturbar-se, desde então começou a nutrir um certo rancor por seu pai colocando-o como proibidor de seus prazeres sexuais. Tal recriminação foi tomada como uma recriminação de seu próprio ser. Ernest não dá uma significação simbólica à interdição sofrida e sim a toma como repúdio. O temor ao pai é tão intenso que desencadeia no sujeito a impossibilidade de manifestar seu próprio desejo, que em última instância é o desejo de morte em relação ao pai. O obsessivo então, desliza seu desejo e assim como na fenomenologia da linguagem das psicoses, a relação com o objeto é metonímica. Entretanto, na neurose obsessiva, ao contrário da estrutura psicótica, em que há uma falha da função do Nome-do-Pai, há desejo e há

⁷ LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente, 1999

⁸ FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (Homem dos Ratos), 1969

⁹ FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (Homem dos Ratos), 1969, Pag. 180

registro simbólico. Lacan afirma que essa articulação que o obsessivo faz é justamente o que permite preservar a dimensão do Outro.¹⁰

Por outro lado, o que se vê em uma estrutura pré-psicótica¹¹ remete a uma maneira do sujeito se ancorar no registro imaginário, a partir do que o outro lhe oferece, a fim de se ordenar no laço social, no qual sustenta-se na relação imaginária com o outro, sem de fato haver uma escolha própria em função da ausência da metáfora paterna que é central e organizadora. Por este motivo, a função diagnóstica não implica em categorizar a estrutura do sujeito, mas é importante para o manejo e a condução do tratamento, para que, não seja desencadeado um surto a partir de intervenções mal sucedidas, nas quais se espera que surja um efeito de transformação da queixa em questionamento por parte do sujeito e para que haja retificação subjetiva, na qual o sujeito passa a se implicar no seu sintoma, como ocorre nas estruturas neuróticas. Tais intervenções, que podem ser simples para um neurótico, como apenas relançar a fala para o sujeito, podem evocar a inscrição do Nome-do-pai, que falha no sujeito pré-psicótico e provocam uma injunção nesta organização, pela ausência do significante marcado pela metáfora paterna.

Neste sentido, a relação transferencial, que já é uma metáfora, na qual o analista entra como representante do outro para o sujeito neurótico, pode também provocar esta injunção no sujeito psicótico, por isso Lacan, no seminário 3, enfatiza que diante das psicoses não há análise e sim um tratamento possível, no qual o analista se oferece como secretário do alienado, sem realizar confrontamentos ou interpretações metafóricas.

Dada a importância do diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica, como então identificar o sujeito pré-psicótico que chega à clínica com um fala dita “normal”? Se como diria Lacan: "Nada se assemelha tanto a uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica"...?¹²

Para Lacan, o que define a constituição psíquica é a relação do sujeito com a cadeia de significantes. Será a partir da linguagem, então que se observará os fenômenos elementares, um deles sendo transtornos de linguagem. Uma vez que, na falta da metáfora paterna o sujeito pré-psicótico é capaz de se inserir no campo da fala

¹⁰ LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente, 1999 - pg 497

¹¹ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

¹² LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992

através das articulações imaginárias, mas não no campo do discurso, aquele que inclui o outro, que implicaria a inscrição do significante no registro simbólico.

Nas pré-psicoses a questão da estruturação da linguagem incide na forma de como a língua é usada, portanto, é possível apontar sutilezas e particularidades em sua relação com a linguagem em que se observa os fenômenos elementares, como nos aponta Lacan. A palavra é reduzida ao seu ponto de materialidade, unindo a coisa ao nome, sem diferenciações, sem possibilidade de metáfora ou de dúvida. As palavras são as coisas, assim é a certeza, é a literalidade, que na fala pode surgir como metonímia, mas não como metáfora. Isso aparece quando Lacan nos diz: “Se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem”¹³, ele não faz pontos de amarração que somente a metáfora faz.

Em um outro relato clínico:¹⁴ Um paciente ao chegar na sessão irritado, agoniado explica o motivo – foi a uma loja de sapatos, e ao chegar lá ouviu uma moça comentar: “aqui está uma facada”! O paciente relata: “saí imediatamente, quem é doido de ficar pra levar uma facada”? Neste caso, aparece de forma mais clara o que Lacan nos diz de como a linguagem é levada à literalidade. O sujeito em questão, não foi capaz de interpretar que a “facada” se referia ao valor alto dos sapatos, entendendo de forma literal de que ali poderia estar sob o risco de se esfaqueado. Na fala do sujeito psicótico os sentidos estão fixados no significante, ambos estão colados, são sempre significantes mestres, o seja, na psicose, ao contrário da neurose, o significante não representa o sujeito para outro significante, pois significante e significado são a mesma coisa.

Podemos dizer que a questão de trabalhar com sujeitos psicóticos pode e deve ser uma escolha do analista e que embora Lacan recomende que não recuemos diante das psicoses, é preciso que haja desejo por parte do analista para aceitar trabalhar com todo o tratamento possível nas psicoses. No entanto, diante do exposto, é necessário e imprescindível ao analista, um profundo estudo a partir do que Lacan desenvolve sobre as psicoses para que seja possível chegar ao diagnóstico diferencial, entendendo os riscos de intervenções mal sucedidas em sujeitos pré-psicóticos. E a partir de então, escolher conduzir ou não o tratamento.

¹³ LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses, 1992 - pg 284

¹⁴ BARRÊTO, Elisângela Ferreira - Causalidade, Nomeação E Linguagem Na Psicose, 2008

Referencias Bibliográficas

ÁLVAREZ, José María (2009). Estudios sobre la psicosis. Buenos Aires, Argentina: Grama.

BARRÊTO, Elisângela Ferreira - Causalidade, Nomeação E Linguagem Na Psicose, Universidade Federal Da Paraíba Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes Programa De Pós-graduação Em Letras, João Pessoa, 2008

FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (O Pequeno Hans e o Homem dos Ratos). Obras Completas, Vol X, Imago, Rio de Janeiro, 1969

FREUD, Sigmund. Sobre o início do Tratamento. Obras Completas. Vol XII, Imago, Rio de Janeiro 1969

FREUD, Sigmund. O Caso Schreber . Obras Completas, Vol XII, Imago, Rio de Janeiro, 1969

LACAN, Jacques. O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1975. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009

LACAN, Jacques. O seminário. Livro 3: As psicoses. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1992

LACAN, Jacques. O Seminário livro 5: as formações do inconsciente. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999

QUINET, ANTONIO. As 4+1 condições da análise, : Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

A Psicose: de que se trata? O que se trata?

Josué Cruz

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

Mestre em Psicologia

“Meio século de freudismo aplicado à psicose deixa seu problema ainda por repensar”. (J. Lacan)

“Ser psicanalista é simplesmente abrir os olhos para essa evidência de que não há nada mais desbaratado que a realidade humana” (J. Lacan)

Resumo

O presente texto aborda a questão da psicose historicamente entendida como manifestação da loucura, a sua apropriação pelo discurso biomédico a partir da categoria de doença mental e o seu estatuto específico para a psicanálise, referenciado no processo de constituição do sujeito e como resultado da forclusão do Nome do Pai. Por fim, apresentam-se algumas perspectivas clínicas no tratamento possível da psicose.

Abstract

This text addresses the issue of psychosis historically understood as a manifestation of madness, its appropriation by the biomedical discourse from the category of mental disease and its specific status for psychoanalysis, referenced in the process of constitution of the subject and as a result of the foreclosure of the Father's Name. Finally, it presents some clinical perspectives in the possible treatment of psychosis.

O delírio não é produto da doença. É uma tentativa de restabelecimento, um processo de construção. Estaria aqui a enunciação de Freud de que os sujeitos psicóticos deveriam ser escutados? Tempos depois, Lacan afirma categoricamente que o analista não deve recuar frente a psicose. Suas contribuições auxiliaram a desvendar aspectos importantes do terreno da loucura e a instituir uma clínica psicanalítica com as psicoses. Se há uma clínica, há um fazer, uma escuta operando nesse campo. Já de saída sabemos que ela se diferencia da clínica das neuroses e tais distinções auxiliam sobremaneira e antes de mais nada com aquilo que não se deve fazer. A análise enquanto lugar de tomada da palavra pode desencadear uma crise. Diz Lacan no seminário 3: “Acontece de aceitarmos pré-psicóticos em análise, e sabemos no que isso vai dar – vai dar em psicótico” (LACAN, 1955/2002, p.285). Mas, então, em que consiste a clínica com a psicose e como se dá o manejo com o sujeito psicótico?

A palavra psicose apareceu pela primeira vez no campo da medicina em 1845, mencionada pelo alemão Feuchtersleben (Neves, Santos, 2017). Psicose é o termo contemporâneo para o que se chamava loucura. A etimologia da palavra refere “condição anormal da mente”.

E o que seria a normalidade? No texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud conclui que “tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*.” (FREUD, 1924/1996, p. 209) Sua conclusão contraria uma impressão inicial de que a perda da realidade estaria necessariamente presente na psicose, ao passo que na neurose essa seria evitada. Tanto na neurose quanto na psicose há uma tentativa de reparação a partir de conflitos que implicam o ego. Para Freud (1924/1996, p.207),

na neurose, um fragmento de realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; [...] Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.

Nessa perspectiva, a ideia de normalidade apresenta-se como uma quimera. A própria singularidade, elemento caro a clínica psicanalítica, afirma de forma incontestável a dificuldade do plano geral subsumir o que tange a manifestação do sujeito, visto caso a caso e como efeito de surpresa frente a própria fala.

Mas também é fato que os sujeitos psicóticos vivenciam experiências que contrariam o senso comum, o conjunto de significações das pessoas ditas sãs. O

psicótico parece aderir ao que Colette Soler (2007) chamou de significações anômalas, não as compartilhando de um campo comum. Se na neurose temos uma palavra que se articula permitindo que o neurótico invente a partir da linguagem, na psicose, o psicótico inventa uma linguagem própria. O psicótico ignora a língua que ele próprio fala, pois não recebe a sua mensagem invertida do campo do Outro. Não está em jogo a questão do reconhecimento através da fala. Nesse sentido, o Outro da psicose é absoluto e não o lugar tesouro dos significantes. Ele não fala para se escutar, demonstrando ser remetido ao campo do Outro. Sua fala se estabelece como certeza. Há “exclusão do Outro onde o ser se realiza na confissão da fala”, diz Lacan (2002, p.186).

No seminário 3, Lacan comenta que a significação remete sempre a uma outra significação. Sobre o texto de Schreber – livro escrito por Daniel Paul Schreber e que Freud utiliza para discutir a psicose – vê-se que é uma significação que basicamente só remete a ela própria, permanece irreduzível. Lacan inferiu, portanto, que a causa deveria estar no nível do que motiva a significação indicando que sua pesquisa esteve ligada aos fenômenos de linguagem (SOLER, 2007).

Considerando a história da assistência psiquiátrica, a loucura foi alçada ao status de doença e na condição de objeto da medicina, produziu-se pesquisas e procedimentos. O termo doença dá lugar ao de transtorno mental, noção própria do campo psiquiátrico, que remedia a dificuldade de fundamentar a ideia de doença mental, visto a impossibilidade de caracterizar o agente patógeno causa do mal, condição para determinar uma doença. A noção de transtorno mental torna-se hegemônica nas abordagens da loucura no campo *psi*. Abordagens essas em que o *páthos* existe sem história, sem sujeito.

A psicose, enquanto grande paradigma daquilo que se convencionou a chamar de transtorno mental, passou a justificar uma atenção especializada, que culminou com a criação de uma instituição específica para tratamento, o manicômio, privilegiando a abordagem medicamentosa e justificando processos de patologização e medicalização da existência.

A psicanálise toma a psicose de modo próprio e específico, contraponto – pois remete a uma diferença marcante – das práticas correntes no campo *psi*. Freud foi responsável por introduzir a questão sujeito no campo das psicoses, ao invés de se ocupar delas através de déficits ou dissociações de funções.

A clínica psicanalítica não se ocupa de funções psíquicas e seus desvios da norma, mas de um psiquismo constituído enquanto efeito da relação do sujeito com o campo do Outro. Nesse sentido, a psicose não se destaca como campo dos desvios, caos ou desordem. Para Lacan, ela remete a “uma ordem do sujeito”. Certamente, distingue-se da neurose pois os mecanismos que a constituem são diferentes. Mas, ainda assim, uma ordem. Colette Soler (2007), em sua leitura de Lacan sobre a psicose, afirma que é por isso que o psicanalista tem motivos para se interessar pela psicose. Ela pode nos ensinar algo sobre a ordem do sujeito. Tomar o psicótico enquanto sujeito remete a uma postura ética, que, em suas consequências no plano político, faz oposição a segregação política da anomalia e não se coaduna com as propostas de “aguentar o fardo da psicose”, ou lidar com os efeitos deletérios de seus sintomas. Trata-se de pesquisa do sujeito.

A psicose é uma vicissitude do sujeito, na medida em que o sujeito é um efeito de linguagem. O estatuto do sujeito, se neurose ou psicose, depende do que se desenrola no Outro. O modelo de relação estabelecido com o Outro no momento da sua entrada no campo linguagem, explicita um modo de negação da castração do Outro, culminando num tipo de estrutura clínica: neurose, psicose, perversão.

É a travessia do complexo de Édipo que permite a entrada do sujeito na ordem simbólica, possibilitando a inscrição do nome do pai no lugar do Outro. Como consequência o sujeito acessa a significação fálica, o que permite simbolizar as posições feminina e masculina na partilha dos sexos. O Nome do Pai possibilita ter uma vida sexual, na medida em que esta pode existir a partir de posições subjetivas, que são posições sexuadas.

O neurótico é esse que faz a travessia do Édipo, partindo da condição de ser o falo, objeto de desejo da mãe, que, nesse primeiro tempo lógico, é onipotente, absoluta. É no segundo tempo do Édipo que se inaugura a simbolização, onde a mãe passa da condição de Outro absoluto para Outro barrado. A mãe podendo ser simbolizada por um significante passa do status de objeto primordial ao de signo, de imediata para mediata. Por fim, no declínio do Édipo, terceiro tempo lógico, a criança deixa de ser o falo da mãe para ter o falo, esse significante da falta, que permitirá atribuir significações aos significantes. Estabelece-se a lei fálica que orientará daí em diante o desejo.

O psicótico, pode-se dizer com Lacan, é aquele que vive um drama no coração do simbólico, fazendo com que a linguagem como discurso seja recusada, pois o discurso deriva da metáfora paterna, inclui o terceiro.

A castração é um complexo intrincado de fantasias que permite fazer face à angústia inscrevendo-a em termos significantes. A lei da castração, operação simbólica por excelência, caracterizada pela mediação do pai, esse elemento ternário, que representa a diferença, se interpõe entre a mãe e a criança, separando um do outro, ocasionando um corte, a falta. O pai opera o corte através do Nome do Pai, logo, trata-se da instauração de uma falta simbólica. A castração, nesse sentido, marca o vivente e o transforma em sujeito, excluindo a experiência do corpo como real, instaurando um gozo sexual, fálico, articulado a linguagem. O gozo fálico, articulado a palavra, interdita, barra o gozo absoluto da mãe.

A significação fálica pode não advir. Esse é o efeito da forclusão do nome do pai, falência do significante agente da metáfora paterna. A forclusão ignora a castração, fazendo com que o significante retorne no real (e não do simbólico), mostrando a exterioridade do sujeito com o significante, ou seja, em relação a linguagem.

A forclusão é o critério metapsicológico para discriminar a psicose. Para Soler (2007), ela é a pedra angular da questão psicose. Ela atesta o fracasso da metáfora paterna, não operando o significante Nome do Pai, responsável pela amarração dos outros significantes. A forclusão é uma ausência no nível do Outro: ausência do Nome do Pai e de seu efeito metafórico.

Na psicose,

como talvez em nenhuma outra experiência clínica, podemos observar a aventura das palavras por metamorfoses sucessivas que as transformam em coisas, coisas que, por sua vez, são tratadas como objetos. [...] Palavras e coisas se imbricam, interpenetram-se, encaixam-se. As palavras perdem seu estatuto singular, confundem-se com as coisas

(SOUZA, 1991, p. 19).

A operação deste mecanismo essencial da psicose, a forclusão, equivale a não inclusão na norma edipiana. E, por conta disso, ao contrário da neurose, nos casos de psicose, o psicanalista “não pode cumprir sua promessa de cura”, diz Freud (1913/1996, p.140). O processo não tem como referência o Nome do Pai e a castração que permitiria o acesso a norma fálica. Então, na clínica das psicoses, o que se espera do analista?

Antônio Quinet alerta que

há uma promessa que o psicanalista não pode sustentar no caso da psicose: o analista não pode prometer inserir o psicótico na norma fálica (...). A norma é regida pelo Édipo e pelo complexo de castração, cujo produto é o significante fálico, primado para ambos os sexos. A forclusão do Nome-do-pai (NP) exclui o sujeito da norma fálica (...), riscando qualquer

esperança do analista de fazê-lo bascular para o lado da neurose.” (QUINET, 2007, p.22)

Se na neurose, o analista se ocupa daquilo que retorna do recalcado, na psicose, ele se ocupa do retorno do forcluído. As produções inconscientes são projetadas nos outros e se dão no espaço público a partir do inconsciente a céu aberto, esse inconsciente que está ali, mas “isso não funciona”, segundo Lacan (2002).

O sujeito, ao falar, recebe a mensagem invertida do Outro, podendo se orientar frente a essa dimensão inconsciente. Para o psicótico é reservado uma outra perspectiva. Sem mensagem invertida, sem cifragem. Na ausência de um enigma que o convocaria a falar, o psicótico, através do delírio, impõe a sua língua. Ao invés do analista ocupar o lugar do Sujeito Suposto Saber, decifrando aquilo que concerne as suas formações inconscientes, ele se torna testemunha de um saber todo. O outro é maciço, impõe-se desde o real. A interpretação incorreria no risco de injunção do nome do pai, precipitando uma crise.

Ao invés do lugar semblante do Outro, lugar de endereçamento e de causa de desejo, institui-se o lugar de secretário do alienado. Ao invés da produção de verdades, fruto de um encontro faltoso, o encontro com a certeza, com o delírio que não faz laço.

Na escuta de sujeitos psicóticos vê-se o abandono dos investimentos objetivos, o retraimento da libido. Neste sentido, vislumbra-se um mundo sem objetos. E um mundo sem objetos é um mundo sem sentidos, na medida que se torna impossível compartilhar. Cabe aí, tomar a fala delirante do psicótico, sendo ela bizarra, maneirista ou tomada de neologismos, como tentativa de cura, tentativa de inscrição.

Portanto, trata-se de investir na palavra na direção de tentar constituir os objetos. “As palavras são tentativas de etiquetar os objetos para lhes dar existência no significante.” (QUINET, 2008, p. 80)

Na psicose se perde em definitivo a possibilidade de operar a partir da metáfora paterna. No entanto, outros dispositivos podem realizar a função de “ponto-de-basta”. Se com os neuróticos o artifício da psicanálise é “fazer falar o “não-dito”, recalcado, para fazer o contorno do impossível de dizer” (BERNARDES, 2003. p.19), com os psicóticos se dá no sentido de estimular a historização dos fenômenos, isto é, fazer o sujeito identificar em suas alucinações as palavras ouvidas que lhe tenham vindo do Outro, e favorecer as construções delirantes que lhe permitam circunscrever o gozo.” (QUINET, 2009, p.53).

Em se tratando do tratamento possível para os psicóticos, pode-se pensar na produção de um sintoma de suplência, um arranjo metafórico que possibilite uma organização mínima em torno de um fazer. Na perspectiva do gozo a partir de Lacan, pode-se pensar também para além do significante, na ação de restringir o gozo, ou possibilitar uma localização, em contrapartida ao gozo sem medida fruto da invasão do Outro absoluto.

Trabalhar com a psicose é viabilizar para o sujeito maneiras de lidar com os retornos do real, é possibilitar transições em que o gozo se torne algo suportável (SOLER, 2007).

Para a psicanálise, o sujeito é sempre responsável por sua posição subjetiva, seja ele neurótico, psicótico ou perverso. (QUINET, 2008, p.80). Mesmo que não se trate necessariamente do sujeito do desejo, neurótico, falamos de um sujeito tendo o Édipo como referência, de um processo de subjetivação que o possibilita se estruturar, distinguir-se do real do seu corpo. Apostar na responsabilização do sujeito por sua posição subjetiva é apostar na escuta do desejo ou do delírio. Neste sentido, não há diferença na posição ética no trabalho de um analista com psicótico e com neurótico (CALLIGARIS, 1989, p.107), em que pese todas as diferenças já nomeadas anteriormente e suas implicações para a direção do tratamento.

Referências Bibliográficas

CALLIGARIS, Contardo. Introdução a uma clínica diferencial das psicoses. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

FREUD, Sigmund (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund (1924). Neurose e psicose. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996

FREUD, Sigmund (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LACAN, Jacques (1955). O seminário, livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

NEVES, Tiago Iwazawa; SANTOS, Andressa Silva dos. A direção da cura na clínica psicanalítica das psicoses. In: Contextos clínicos, 10(2): 257-267, julho-dezembro, 2017

QUINET, Antônio. Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

QUINET, Antônio. As 4 + 1 condições de análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

SOLER, Colette. O inconsciente a céu aberto da psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

SOUZA, Neuza Santos. A psicose: um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Campus, 1991

Quem fala no sujeito psicótico?

Rosane Maria dos Santos Mendonça

Psicanalista Membro de Trieb Espaço de Psicanálise

“A certeza é a coisa mais rara para o sujeito normal”. (LACAN, 1955-1956)

“A psicose é aquilo diante do qual, um analista não deve jamais recuar”. (LACAN, 1977)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo levantar algumas questões com relação à estrutura psicótica. Como se dá a elaboração da linguagem na psicose e como o sujeito se coloca nela. O que e quem fala no sujeito psicótico? Também será comentado a respeito do tratamento possível do mesmo.

Palavras-chave: Psicose, linguagem, delírio, significante, tratamento.

ABSTRACT

The present work's objective is to raise some questions regarding the psychotic structure. How is the elaboration of language in psychosis and how the subject places itself in it. What and who speaks in the psychotic subject? The possible treatment thereof will also be commented on.

Keywords: Psychosis, language, delirium, meaningful, treatment.

Cris, um rapaz de 23 anos, chega ao meu consultório trazido pela mãe. Meu nome foi indicado a ela por uma colega psicanalista. A mãe num primeiro momento traz questões e preocupações a respeito da vida profissional do filho. Atualmente, o mesmo não trabalha e nem estuda. Sendo assim ela me demanda a possibilidade de realizar orientações profissionais com o filho para que ele possa se inscrever no mercado de trabalho. O mesmo cursou um ano e meio da faculdade de psicologia e se afastou quando iniciou a disciplina de psicopatologia, não retornando mais.

A mãe relata que Cris na sua infância sempre foi um menino alegre e que sabia conversar com os adultos sobre diversos assuntos. Nunca apresentou dificuldades ou problemas com relação ao seu comportamento na escola ou em casa.

As dificuldades iniciaram quando Cris teve um surto psicótico há quatro anos, aos 19 anos de idade permanecendo quatro meses internado numa clínica de reabilitação em São Paulo. A família atribui a causa do surto ao uso de maconha, bem como ao uso de

craque que fazia esporadicamente. Na época em que ocorreu o surto Cris estava em acompanhamento com uma psicóloga.

Os pais dele são separados há muito tempo. A mãe se refere ao ex-marido como um “traste”. Atualmente está casada com outro homem. O irmão mais velho de Cris tem diagnóstico de autismo e encontra-se em tratamento psicológico.

Após escutar a mãe, atendo Cris que entra no consultório tímido e com certo ar de desconfiança. Senta-se e começa a desfilar uma série de delírios. Inicia sua fala relatando em primeiro lugar quem ele é. Trata-se de um ator famoso e reconhecido, que já fez muitos filmes que renderam alta bilheteria. Ele interpreta um Deus da mitologia grega. Porém nesse momento ele como ator não está reconhecível, pois não pode se mostrar, deve-se manter disfarçado, pois está sendo procurado pela CIA. Segue contando suas aventuras e seus relatos são repletos de façanhas, pois o mesmo além de ser esse ator de renome, também faz muitas coisas excepcionais, todas revestidas de desempenho extraordinário.

Até então, ele relatou em duas sessões alguns detalhes da sua internação. Disse que estava ficando paranoico e queria matar muita gente precisando então ficar isolado. Aliás, nos seus delírios ele já matou muita gente do mal.

Sua fala sustenta sempre o mesmo delírio e a cada sessão ele se lembra de mais algum fato realizado em que aparece como herói ou como uma figura importante. Digo se lembra, porque conta que foi submetido a um processo de amnésia que foge ao seu controle, mas às vezes esse processo falha e ele se lembra de coisas que aconteceram. E assim segue sua fala, recheada de incríveis façanhas.

Durante o percurso do cartel sobre as psicoses, realizou-se a leitura de textos de Freud e Lacan. Trabalharam-se muitos conceitos e articulações teóricas, entretanto este trabalho tem por objetivo fazer um pequeno recorte de um ponto específico na dinâmica da psicose.

A questão que surge então a partir do cartel e da escuta desse paciente e que eu gostaria de dividir é “quem fala no sujeito psicótico?”. Que fala é essa, que se apresenta de forma tão estranha, tão enigmática, tão aparentemente sem sentido e com uma significação singular? É certo que o sujeito psicótico fala e que está articulado com a linguagem, mas de que forma?

Antes de adentrar nessa questão, se fará um breve resumo da constituição do sujeito. Para a psicanálise existem três estruturas subjetivas principais que falam da posição existencial do sujeito diante da castração e são constituídas durante o processo de subjetivação do sujeito. (MOURÃO, 2011).

O processo de subjetivação é aquele no qual o sujeito se constitui, entra na vida pela fala e pelo desejo do Outro. O sujeito é convocado a tomar uma posição junto aos sentidos que essa fala e esse desejo vão lhe imputando. Esse processo afetivo se dá num campo discursivo, no campo simbólico, dos significantes, cuja mola mestra é a Metáfora Paterna, operação na qual o significante primordial do desejo da mãe, é substituído pelo significante Nome-do-Pai, instituindo o sujeito num campo de fala, interdição, castração. (LACAN, 1957-1958, 1999). A maneira pela qual o sujeito passa por essa operação, ou seja, sai da dimensão de ser o falo da mãe para a dimensão de ter o falo determina a sua estrutura subjetiva.

Quando essa operação ocorre de forma exitosa, há a simbolização da Lei Paterna e o sujeito entra no campo simbólico, o campo do discurso, da dialética, das trocas. A partir da simbolização, o sujeito consegue fazer a metáfora da falta gerada pela castração e se constitui numa posição desejante. A partir daí suas cadeias significantes começam a ser compostas formando uma rede de significantes na qual o sujeito pode se amparar, se ancorar, bem como iniciar a constituição do seu inconsciente.

Na psicose não ocorre essa substituição. A metáfora paterna não opera, há o que Freud denomina de Verwerfung e Lacan de forclusão. Desse modo a estrutura psicótica é aquela na qual o sujeito não se confronta com a castração, não há a admissão da falta, há uma rejeição absoluta do significante Nome-do-Pai, ou seja, do pai simbólico. (LACAN, 1957-1958, 1999). Esse significante que inscreveria a dimensão da falta no Outro (da falta na mãe) é radicalmente rejeitado pelo sujeito, não podendo ser integrado no inconsciente, ou seja, ser simbolizado. Na cadeia significativa do sujeito psicótico falta o significante do Nome-do-Pai, aquele que funda a lei simbólica.

Essa falta da falta no Outro faz com que esse Outro permaneça inteiro e absoluto e por consequência a relação do sujeito fica inserida exclusivamente na dimensão imaginária, numa relação dual e especular com esse outro, no caso a mãe primordial, não havendo a entrada do terceiro da falta, no caso o pai simbólico.

Na falta desse pai simbólico que barra o Outro, o código fica exclusivamente no sujeito e não na dimensão do Outro como tesouro dos significantes. Sem amarração com o Outro simbólico, o sujeito fica preso no campo imaginário, a uma significação que não pode ser nomeada, que não reenvia a nenhuma outra significação a não ser a si mesma. (LACAN, 1955-1956, 2008). Lacan a denominou esse fenômeno que ocorre com esses significantes de holofrase. Entre a dupla de significantes S1 e S2 não há hiância, não há uma separação onde se constituiria o sujeito. Essa alienação na imagem especular entre o a - a' é radical e aniquila a possibilidade do surgimento do

significante e, por conseguinte de uma identidade do sujeito, de um ideal do eu. Sendo assim “será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que lhe darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem”. (LACAN, 1955-1956, P. 239). Cris não se identificou ao herói viril como ocorre na neurose, na qual os sujeitos se identificam com traços dos outros após terem sido submetidos à metáfora paterna. Cris é o próprio herói, é o próprio Deus que o herói representa. Ele tem a certeza disso. Não é possível questioná-lo e ou coloca-lo em dúvida. Ele está alienado e não identificado a esse outro poderoso. É isso que sustenta ele, o imaginário e não um traço simbólico como efeito da metáfora paterna, do significante Nome-do-Pai.

Nas elaborações apresentadas no Seminário Livro 3, As psicoses (Lacan, 1955-1956, 2008) Lacan destaca o mecanismo da forclusão do Nome-do-Pai, no que se refere às consequências da falta essencial do significante Nome-do-Pai em toda a sua operação lógica sobre todo o sistema significante e os efeitos subjetivos nela implicados. As psicoses revelam uma resposta subjetiva sem este significante do Nome-do-Pai, sem esta referência simbólica, sem esta ancoragem. O sujeito psicótico se debate na tentativa de se haver com a falta da falta, na busca de uma identificação subjetiva que não se operou no tempo lógico.

A falta dessa ancoragem, desse ponto de basta, impossibilita que haja uma amarração simbólica entre o significante e o significado. Dessa forma não se detém o deslizamento incessante do significado sob o significante, da cadeia significante, impossibilitando um efeito de sentido, de significação e isso produz no sujeito psicótico uma fala com características próprias, diferenciada da do sujeito neurótico.

Lacan no seminário 3, se questiona a respeito da fala do psicótico e se pergunta: “de que ele lhes fala?” (LACAN, 1955-1956, p. 53. 2008). E responde, “dele, sem dúvida, mas em primeiro lugar de um objeto que não é como os outros, de um objeto que está no prolongamento da dialética dual – ele fala com vocês de alguma coisa que lhe falou” (LACAN, 1955-1956, P. 53). Lacan segue dizendo que a fala do psicótico faz testemunho dessa fala que fala nele, “em resumo, poder-se-ia dizer, o psicótico é um mártir do inconsciente, dando ao termo mártir seu sentido, que é de testemunhar”. (LACAN 1955-1956, P. 156).

O psicótico é uma testemunha aberta do inconsciente e a psicanálise, neste sentido, legítima o discurso delirante como discurso do inconsciente, por ele estar amarrado ao significante na sua mais pura literalidade. Ou seja, o psicótico leva a fala ao pé da letra,

não consegue fazer nem compreender o efeito metafórico da linguagem. Ao escutar meu paciente, é possível identificar esse testemunho, pois o mesmo apenas vai fazendo um desfile, um deslizamento de significantes soltos, não amarrados ao significado, impossibilitando desse modo que haja uma significação. Os significantes vão deslizando sozinhos, pois não existe nele uma fala dirigida ao outro, na intenção de fazer laço social, fazer uma fala dialética. Sabemos segundo Lacan que quando falamos, nossa fala sempre nos remete a um outro, ao outro semelhante bem como ao grande outro.

Na psicose esse inconsciente que fala e está a céu aberto, sem a operação do recalque faz com que a mensagem que vem do Outro, não venha de forma invertida como ocorre na neurose e sim de forma refletida, como um espelho. A mensagem vem do outro enquanto duplo do sujeito psicótico, não há o reconhecimento da alteridade do outro.

Nesse sentido Lacan observa que existe uma exterioridade do sujeito psicótico em relação à linguagem, devido o fato do mesmo estar foracluído da dimensão simbólica. Para Lacan, há um deslocamento do sujeito com a palavra falada. Diferente da neurose onde o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído pela linguagem, permanecendo refém dela. Trata-se da questão de saber se o psicótico entrou de verdade na linguagem. Mesmo que sua fala pareça articulada e semelhante a do neurótico, nem por isso implica que seja reconhecida como tal, que tenha os mesmos efeitos. As frases usadas pelos sujeitos psicóticos tem certa articulação lógica, mas sem um efeito de sentido, de significação fálica. Pelo contrário causam estranheza, como se falassem em uma língua ignorada pelo interlocutor.

Se o sujeito psicótico é o sujeito da certeza, diferentemente do neurótico que é um crente e sua crença pode ser questionada num processo de análise porque ele mesmo busca uma resposta para suas dúvidas e questões, como e o que é possível num tratamento com um sujeito psicótico? Se sua fala é diferente da do neurótico e ele não vem ao analista por conta própria para decifrar seus enigmas, mas sim trazido pelo outro que se ocupa dele qual seria a função do analista?

Se o delírio segundo Freud é a tentativa de cura do surto psicótico, a tentativa de elaboração de uma metáfora delirante ali onde a metáfora paterna fracassou, será que o analista deve em algum momento intervir nele, no delírio?

Lacan na aula de 30 de novembro de 1955 quando se refere ao Outro e a psicose, fala que “a vida do psicanalista não é cor-de-rosa” (LACAN 1955-1956, P. 40). Não se admira e justifica que a comparação da vida do analista com uma lixeira procede, pois

é preciso que ele engula por vários dias a comunicação de coisas ditas pelos pacientes psicóticos como duvidosas, estranhas e aparentemente sem nenhum sentido. Porém para Lacan, se o psicanalista de fato o é, já se habituou há muito tempo a superar esse sentimento, escutando de forma desejante o dizer psicótico de seu paciente. Este dizer delirante pode revelar ao psicanalista a relação fundamental do sujeito no registro no qual se organizam e se desenvolvem todas as manifestações do seu inconsciente. (LACAN, 1955-1956, P. 144).

Sendo assim, para Lacan as primeiras condutas na investigação e no interrogatório de uma estrutura psicótica seria a de deixar o paciente falar livremente o maior tempo possível e só após fazer uma suposição diagnóstica, o que não quer dizer que a conduta na escuta irá se modificar. Pelo contrário, Lacan nos coloca que assim que se souber que se trata de uma estrutura psicótica, é imprescindível que a posição do analista continue sendo escutar e não interpretar ou questionar a fala do paciente. Lacan se utiliza da função da secretária para orientar o analista de que sua função é somente secretariar, ser o secretário do alienado. É importante ressaltar que em alguns casos pode-se tratar de uma psicose não desencadeada e todo cuidado é necessário com as palavras que o analista usa para não desencadeá-la de vez. Ou seja, o analista não deve agir como na neurose, onde a função do analista é a de confrontar o analisando com a castração e por consequência interpretar o desejo. O delírio deve ser acolhido e não questionado, pois Lacan confirma a descoberta de Freud de que “quanto aos paranoicos, quanto aos delirantes, quanto aos psicóticos, eles amam o delírio deles como amam a si mesmos.” (LACAN, 1955-1956, P. 252).

O delírio é uma boa forma de suportar o real que invade o psicótico o tempo todo por meio do gozo. O delírio não é algo a ser removido, como se supõe comumente, pois ele será a bengala imaginária de sustentação para o sujeito suportar a forclusão da metáfora paterna, constituindo no seu lugar a metáfora delirante. Essa metáfora pode mesmo que fragilmente produzir uma amarração entre o significado e o significante criando assim um possível lugar para o psicótico na realidade.

A função do psicanalista seria a de ajudar o paciente na sua tentativa desesperadora de organizar o seu delírio, pois ele é a sua possibilidade de cura por mais bizarro e absurdo que ele seja.

Referências Bibliográficas

CALLIGARIS Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XII.

FREUD, S. (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, volume XIX.

LACAN, J. (1955-56) O Seminário, livro 3: *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

LACAN, J. (1957-58) O seminário, livro 5: *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. (1964) O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. (1966) Escritos. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOURÃO, A. *Uma aventura no território da fala*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

SOLER, C. *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007

SCHREBER, D.P. *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

Biografias

Alberto Philippi May

Psicanalista, membro fundador de Trieb, espaço de psicanálise. Também foi membro fundador (1984) de Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica. Há mais de 35 anos vem se dedicando à divulgação, transmissão e à clínica psicanalítica. Foi integrante dos movimentos Pluri-institucionais: Reuniões Lacanoamericana de Psicanálise e de Convergência - Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana. Tem apresentado trabalhos em jornadas e congressos no Brasil e no exterior.

E-mail: amayph@gmail.com

Angela Maria Sansão Chandoha

Psicanalista membro de Trieb Espaço de Psicanálise. Atendimento Clínico - Itajaí, SC
Telefone: 47 99958-0003

E-mail: angelamsc.psicanalista@yahoo.com.br

Clarissa Ibañez de Lima

Psicanalista membro de Trieb Espaço de Psicanálise. Atendimento Clínico em Florianópolis, SC.

Telefone: 48 99159-3789

E- mail: clarissaibanez@hotmail.com

Josué Cruz

Psicanalista, membro fundador de Trieb Espaço de Psicanálise. Fez Graduação e Mestrado em Psicologia – dissertação sobre o tempo na psicanálise. Dedicar-se a clínica psicanalítica em contexto institucional – interface com o campo da saúde mental – e em consultório.

E-mail: josuepsic@gmail.com

Rosane Maria dos Santos Mendonça

Psicanalista, membro fundador de Trieb Espaço de Psicanálise. Formada em psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí. Membro adjunto de Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica de 2002 a 2011. Vem se dedicando nos últimos 19 anos à clínica psicanalítica. Atualmente também se dedica a transmissão da psicanálise coordenando grupos de estudos e apresentando trabalho em jornadas.